S. Costa

Canto do Cisne

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

L.016.871-67

LIBRARY
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
CHAPEL HILL

PQ9261
.C67
C3

SOUSA COSTA
Da Academia das Sciências de Lisboa

Canto do Cisne

NOVELA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de LÉLO & IRMÃO, Ld.ª, edit.
RUA DAS CARMELITAS, 144
Aillaud e Bertrand—Lisboa—Paris

1923

ARTES GRÁFICAS — PORTO

CANTO DO CISNE

Minha Amiga :

Não tem razão para sustos. Escrevo-lhe hoje, por saber que hoje faz anos. Bato-lhe à porta para lhe oferecer êsse ramo de cravos rôxos. E a minha carta de felicitações, e os meus cravos magoados não são senão emissários da amizade mais simples, que em meu nome vão associar-se, simplesmente, á intimidade duma festa de família. Ao ver letra minha, por certo estremecerá convencida de que chegou a hora de lêr o poema lirico do meu amôr. Mas vê que se enganou? Só se fala de amôr a quem revelou disposição

para nos ouvir. E a minha Amiga, embora me dê todas as graças da sua amizade, teria os ouvidos cerrados, afirmo-o sem esperança no desmentido, para os impulsos dum sentimento mais alto.

Não anoto êste facto, juro-lho, não o trago à varanda iluminada duma ligeira carta de felicitações, afianço-lho, no intuito de o arvorar em corpo de delito. Se fôsse possível invocar o testemunho do Senhor como garantia dos meus leais protestos, o Senhor, que nos vê por dentro como por fóra, garanti-lo-ia à sua fé . . .

Longe de mim a idea de a acusar. Demais, minha Amiga, o amor é o único bem que se não pede. O amor não se pede, dá-se. Não há Moisés que o faça brotar do coração mais sensível, pela sêde mais viva, desde que o sequioso não soube, ou não pôde merecê-lo. E brota, e jorra, e freme, e ruge, e murmura, e chora, e canta, na espontânea eclosão do fulgor duma chama, por aquele que em quáse nada concorreu para o merecer. Não é a palavra, nem o

gesto, nem a dedicação, nem o sacrifício que acendem no peito o fogo sagrado. E basta um olhar, tantas vezes um olhar de cubiça ou de curiosidade, para o acender, para o tornar labarêda.

Depois, com a minha Amiga, dá-se ainda outra circunstância que me impede de lhe falar de mim. Eu tenho hoje a certeza, adivinhei-a primeiro, consegui por último confirmá-la, de que pensa noutro homem. E porque tenho a certeza disso, não desceria a mendigar-lhe aquilo que nem por misericórdia se prestaria a oferecer-me. Sossegue, pois. Não lhe direi nunca o meu amor. De resto, ouça-me, tranqüilize-se : êsse amor, que tanta vez se me debruçou dos olhos, porque não podia conter-se em reserva na sua presença ; êsse amor que a cada passo me crepitava na palavra, porque não sabia anular-se em silêncio junto de si, é hoje apenas o rescaldo da labarêda que esteve prestes a devorar-me. Rescaldo e brazas. Brazas e destroços.

E que o sou eu, minha Amiga, eu próprio, senão a brasa dum fogo morto,

senão o destrôço dum homem vivo? Quarenta anos! Os cabelos brancos a cobrirem-me os negros, que entrei já na estação das neves. A morte a patinar-me de livido, não vá enganar-se na colheita entre os presentes. A aranha dos desalentos a abrir-me na carne a sua teia, que não há recanto de ruínas onde a teia não apareça. E brasa, que é quentura, que é calor, resta-me aquela a que me aqueço, para não transir de frio, quando a sua amizade passa e carinhosamente lhe empresta um bafo de tépida ternura.

E a minha Amiga deve ter menos dez anos do que eu. E a minha Amiga tem o direito de ser querida por um homem da sua idade, com as veias cheias de estio, o sol a arder no sentimento.

Adeus, minha Amiga. Perdoe-me esta carta, estas regras, êste desabafo. Carta, regras, desabafo são fezes da velhice — êste quáse velho não sente o pé direito na senilidade, por ter esquecido o esquerdo no devaneio. Mas hoje é o dia dos seus anos — dia de fes-

ta, domingo de Páscoa, perdão dos pecadores. E porisso espero ser perdoado

Os cravos, êsses doloridos cravos, ainda húmidos do sangue pisado de Jesus, peço-lho, conserve-os ao menos um dia ao pé de si. E se lhe disserem de mim, aquilo que eu não quero dizer-lhe, não lho leve a mal. Nasceram na lei da bôa verdade. E a mãe Natureza não soube ensinar-lhes a arte de dessimular . . .

Do muito, do sempre amigo

António.

Minha Senhora:

Era preferível ter-me mentido. Era pelo menos mais humano. A mentira é por vezes, sê-lo-ia uma vez mais, a melhor obra de misericórdia. É um véu de piedade, mesmo quando tão transparente que nada oculta, nem a intenção delicada que lhe foi tecedeira, lançado sôbre a crueza que esfacela, sôbre a verdade que crucifica. A mentira, pecado mortal, transforma-se dêste modo em virtude cristã. Não queria mentir, por pudor, por principio? Perdoe-me que lho lembre — não me falasse nesses projectos. E que fria cal-

ma a sua, que olímpica insensibilidade ao dizer-me que sim, que depois do divórcio o seu coração envelhecido parece despertar para a mocidade ; que tenciona regressar em breve ao Funchal, onde alguém a espera, que há-de talvez fazê-la despertar para o amor ! E como se lhe afigurou pouco, para meu agravo, o que tão desdenhosamente me comunica, — sem uma palavra de comentário aos meus impulsos afectivos — põe-me na mão a esmola afrontosa duma bôa amizade !

Muito obrigado, minha Senhora, pelo seu acto generoso. Mas a amizade, em certos casos, e êste entra na regra, é irmã colaça da compaixão. E eu, que me irritaria contra a compaixão de minha Mãe, a sua devolvo-lha serenamente, lembrando-lhe a vantagem de a oferecer a quem se coloque à altura dela. Assim mesmo ! Não sei expressar-me senão no tom alto dos meus sentimentos. Dispenso-a do sacrifício inútil da sua amizade. Não quero que me dê nada, porque nada lhe pedi ainda, porque nada lhe pedirei nunca !

Suponha que realmente a amei, na cegueira e na veemencia do meu absurdo temperamento. Suponha que dentro de mim, como as ondas no mar, rugiam tempestades de desespêro, ou a confiança florescia em càndidas espumas. Suponnha que eu tinha no peito, no seu quente resguardo, o meu doce vergel, vergel todo alvoroçado de rumores de esperança, onde cuidei colhêr frutos sem par.

Pois desde o minuto em que recebi, e li, e rasguei a sua carta, cujas linhas, de calma aparência, aqui e além tomaram a hostil crispação de garras aduncas, o amor gelou na indiferença. Não conheci mais tempestades, que o bom senso amainou-as. E fez-se razo descampado, sem ramo de saüdade, o meu sêco vergel.

Pode ir para a sua adoptiva Madeira, tranqüila e feliz. Pode, tranqüilamente, em plena felicidade, abrir os braços ao novo senhor que a vontade lhe requer. Não aguarei com uma censura o seu encantamento. Sem um azedume voltarei à fé do meu trabalho, dos meus

quadros, dos meus pinceis. Segui-la-hei até, com um gesto de bôa viagem, no seu rumo de ventura.

Vou terminar. Termino por uma confissão. É dos usos e costumes, na liturgia religiosa, confessarmo-nos na hora final. E no meu coração, monge cristão do deserto em que vivo, alguma coisa entrou na agonia.

Amei-a, não me envergonho de lho dizer. Só o mal é vergonha, e êste amor considerei-o o maior bem da minha vida. Julguei-a o meu último amor — o canto do cisne dêste pobre coração, eterna criança gulosa de ternura, agora a tremer no pavor da invalidez.

Hoje, agora, neste momento de despedida e de consciência, reconheço com mágoa, numa profunda, e opaca, e gelada mágoa, que o cisne não chegou a cantar — estrangulou-lhe o canto, ao vibrar dos primeiros acordes, a sua mão impassível!

Adeus. Esqueça-me, que eu farei por esquecer também. E não, não o quero, não seja minha amiga! Ah, quem me

déra que fôsse inimiga — o seu ódio seria a palavra de Cristo ao Lázaro morto!

Até sempre — do que sempre quis ser o seu,

António.

Minha Amiga :

Fi-la sofrer com a minha carta ? Nunca julguei que essa carta pudesse causar-lhe mágoa. Não lhe havia dito que a amava ? E eu a supôr que considerava revelha a minha confissão !

Mas não lho disseram os meus olhos? Mas não lho disse a minha sêde da sua presença ? Porque motivo buscava êste sedento, tão ávidamente, tão persistentemente, a agua viva da sua voz — que a minha Amiga lhe dava às gotas, de longe a longe, com avarezas de usura ? Porque razão ficavam os meus olhos escravos dos seus, ao encontrarmo-nos

juntos, escravos que só viam por êles e para êles se erguiam ? Eu não lhe tinha dito que a amava !

E apesar disso a minha Amiga havia-o compreendido. Não negue uma verdade cuja evidência documentei. Veja se recorda episódios, factos, alusões, coincidências que revelam bem até que ponto havia decifrado o fácil enigma da minha alma — um enigma que os meus olhos, a minha voz, os meus gestos, as minhas atitudes decifravam antes de mais ninguém.

Quando fui a sua casa, daquela vez em que prometi convencê-la dos meus recursos negativos para o sacerdócio da psicologia. Marcou-me a hora da visita. Fui a essa hora. Anunciei-me. Responderam-me que não estava !

Não está ! O meu desespêro, o meu desapontamento, a minha queda !

E afirmou-me depois, esqueceu-se disto ? que reflectira, que tivera mêdo de me receber ! Não era este mêdo a certeza do meu amor ? O nosso encontro, num dia de chuva — sinto hoje, como ontem, o frio dessa chuva repas-

sar-me o peito ! — na pastelaria Garrett. A minha Amiga entra à minha frente. Avanço para si. Convido-a a tomar uma chávena de chá. Como perturba-se, diz-me que está com pressa, sai sem se sentar !

Daí a dias, aludindo ao estranho caso, explica-mo pelo receio de ficar ali comigo, sòzinha, à vista de tôda a gente — o que tantas vezes tem feito, com outros nomeus, sem receio ou mal nenhum !

O que significava êsse receio senão outro receio maior — que toda a gente descobrisse em mim o que a minha Amiga não ignorava ?

E o prometer-me uma entrevista aqui, além, faltando com frequência. E o escrever-me sempre à pressa, acentuando o perigo de nos escrevermos. E em especial, e acima de tudo, o gesto duro, o olhar severo que opôs em certa hora à torrente do meu amor, que ia trasbordar, ulular, murmurar, gemer, suplicar.

Ah, eu não lhe disse que a amava !

Era isso o que eu supunha que mais

de perto atingiria a sua sensibilidade. O amor que se não diz, o amor que não se submete ao colête de forças da palavra escrita ou falada, julguei que seria o único eloqüente, por ser o que dispensa a voz para ser ouvido em todo o mundo.

Não lhe declinei, é certo, os logares comuns dos secretários dos amantes. Não dobrei o joelho, é verdade, na reza vulgar dos passos da minha paixão. Nunca lhe lisonjeei o ouvido com um madrigal — espuma que se uma vez vem da onda, vezes sem conta vôa com o vento que passa. Nunca lhe espertei a curiosidade com uma dúvida — vinho que se num momento adormece os sentidos, noutros os lança no tumulto das vertígens.

E porque ? Porque o meu amor por si, minha Amiga, era um dêstes hálitos de fogo que eu cuidava abrasar almas e corações ! Porque o meu amor por si, Ana Maria, era um dêstes murmúrios de sonho que eu julgava perceptível aos próprios surdos !

Ana Maria — deixe-me tratá-la as-

sim uma vez mais, mais esta vez. Vai para a Madeira. Lá a esperam os parentes. Deve esperá-la já o Jorge.

Vai. Nem desistiria de ir se eu lho pedisse, nem eu consentiria em lho pedir. Apenas uma coisa, um nada, tomo a liberdade de desejar. É que, longe daqui, sob êsse céu diferente do nosso céu, sòbre essa terra que não é bem a nossa terra, se qualquer desilusão lhe ferir a alma — meu Deus! juro-o à vossa vista, não lhe quero o arrepio dum pressentimento! — se lembre de que do lado de cá do mar, nesta terra de família, sòb êste céu paternal alguém vive, e pulsa, e sonha — sonha agora mesmo! — que para lhe evitar uma dòr sofreria sorrindo a vida inteira! E eu não lhe disse o meu amor!

Seja feliz — mais feliz do que o seu, muito grato

António.

Querida Amiga :

Han? O quê? Leio e releio, dobro e desdobro a sua carta, abismo de promessas e de dúvidas ; arquejo no esfôrço de a compreender, de a interpretar à letra, de a auscultar no íntimo, e não ausculto nada, e não interpreto nada, e nada compreendo !

É então verdade ? Já não pensa no casamento com o Jorge?

Por Deus ! Não brinque com a febre que me desvaira ! Não lance novos motivos de perturbação numa vida que esqueceu as leis do equilíbrio ! Não cinja mais o cilício à pisada carne do que sente mal só por bem querer !

Perdoe-me! Creio em si. Creio nas suas afirmações. Mas preciso que mas esclareça, que leve a luz do seu entendimento onde eu encontro a sombra da incerteza, que me torne claro como o meio dia o que eu vejo indeciso como um crepúsculo.

Confesso-lhe. Neste estado, sob esta crise, sou uma criança. Não compreendo senão aquilo que me dizem sem o desvio duma letra. Não entendo senão o que vem para mim na transparência fácil duma voz maternal — a que ensina ao filho pequeno o a b c das coisas que se vêem. E assim — faça-me o que lhe peço, embora o fazer-mo corresponda ao sacrifício da minha aspiração! — diga-me porque fica, diga-me porque não casa.

Se fôsse pelo que suspeitei! Ah, se fôsse isso, Ana Maria! Como de súbito, à sua voz de milagre, a charneca se volveria em terra de promissão, e a noite seria dia de sol! Como de repente, a um gesto da sua bondade, a minha tristeza se transformava na minha alegria, o meu pessimismo na minha cren-

ça, vôo rasgado e alto o tímido chouto do meu passo! E como, no meu peito, onde hoje a coruja pia lamentos presagos, cantaria matinas um côro de rouxinóis!

E se não fôsse? Quero convencer-me de que é! Preciso nesta hora, depois de tantas horas infernais, flutuando à tona do desespêro, alçar a alma ao céu, e crêr, e crêr, e tornar a crêr!

Sim, acredito, deve ser por mim que ela, a maga misericordiosa dos meus dias felizes, renuncia à sua projectada viagem. Sim, não duvido, deve ser por mim, agora no meu mês de abril, vogando num mar de seivas, fôlha entre as fôlhas, flor no seio das flores, perfume no turbilhão dos perfumes, que ela, a fada bemfazeja das minhas ansiedades, renega o noivo escolhido e ausente!

Senhor! E pode êste estropiado coração, que eu julgava o paralítico sem cura, igual ao paralitico das Escrituras, tomar a seu catre, e partir para o seu lar, iluminado de esperança!

É possível afinal esperar, colhêr no caminho a promessa e o afago! É possível afinal acreditar, ver na seara o grão e a alegria! É possível afinal viver, atingir a felicidade, conquistar a felicidade, sufocar de felicidade!

Ouça-me, Ana Maria. Um momento apenas, só mais um minuto. Se não é por mim que desiste da sua viagem, se não é por mim que esquece o seu noivo, cale-se, não mo diga por enquanto, deixe que eu durma o meu sono de ventura sorvendo o leite da minha crença.

Ah, não, não! Mil vezes não! Se não é por mim, diga-mo já, hoje mesmo, que preciso despedaçar êste coração ainda no anseio do impossível!

Fica à espera da sua resposta o

António.

Querida Amiga:

Há cinco horas, há dez, há vinte que ando em volta de mim mesmo, que entro em mim próprio à procura de qualquer coisa. De quê? A ver se descubro a côr da felicidade, e a sua forma, e o seu movimento, e o seu ritmo para lhos revelar através do bico trôpego da minha pena. E há vinte horas, há dez, há cinco que ergo os olhos ao céu a anunciar-lhe o meu esfôrço inútil.

Porque a felicidade vive agora comigo. Porque a felicidade é neste dia minha companheira. Porque desde a tarde de ontem que a felicidade me alu-

mia à luz da sua candeia, me senta ao pão da sua mesa.

Mas, misteriosa como Deus nas alturas, de quem vemos as obras, sem lhe surpreendermos a fisionomia, ela dá-se a conhecer, e não se deixa fixar.

A tarde de ontem em sua casa! Aquela salinha discreta, onde o aconchego é senhor, onde a delicadeza e a sensibilidade da sua mão feminina são servas acolhedoras! Como tudo aquilo foi concertado, simples e afável, para a comunhão viva da intimidade! A chita antiga a forrar a parede do fundo — para que as palavras, ao contacto do estôfo, se humilhem ao tom da confidência. O almadraque almofadado pelos seus dons de fada — a lembrar-nos os profundos êxtases no silêncio da contemplação. Depois o recantosinho, do lado oposto, em que a sua alma comunica com as que lhe são queridas por meio do livro ou da pena — a afirmar-nos que êsse ambiente se não presta às práticas profanas. E os quadros, e as miniaturas das paredes, todos êles a aconselhar-nos a sua cauta expressão. Até a avenca

friorenta que roça a cabeleira verde sôbre os seus livros — até ela nos diz a calma que ali deve reinar.

Porisso eu fui feliz! Porisso eu vim daí, da sua sala, do seu nicho de milagrosa, da sua bocêta de predestinada, com a alma cheia dêsse ambiente. A minha alma, desde a tarde de ontem, é um vaso de cristal resvés de luminosa graça.

E o que houve? O que fez a minha Amiga, afinal, para eu me sentir assim favorecido da bemaventurança?

Convidou-mè a tomar o seu chá. Falou-me dos livros do seu nobiliário, dos passeios da sua eleição — êstes repetidos no entusiasmo de peregrinações religiosas, aqueles escutados na plenitude de divinos mestres. Disse-me um pouco de tudo, conseguindo, na mais singular elegância, dizer-me o mínimo do muito que desejava ouvir-lhe. E veja, e a-pesar disso, se ontem, se hoje mesmo, volvidas vinte e quatro enfadonhas horas sôbre essas duas horas instantâneas, me perguntassem onde está a felicidade, eu não responderia

com o septicismo amargo de Camilo, no seu riso torcido de dôr, na sua dôr arrepanhada de riso. Eu responderia, sinceramente, sem hesitar :

— A felicidade, minha Amiga, está numa salinha escondida, aparatosa ou humilde, onde o nosso coração encontra o seu pôrto de abrigo. A felicidade está onde nos sentimos bem — tão bem, que até o tempo, que parece ter vindo ao mundo no único serviço de destruir e flagelar, ao sentir-nos assim, alucinadamente foge de nós. Não sei se reparou já, minha Amiga, que sendo eternidades as horas dos que estão mal, as dos que estão bem são instantes. Foram dois minutos, dois segundos, nada, as minhas duas horas de ontem !

Hei-de prender o tempo, amarrá-lo de pés e mãos, daqui em diante, quando lhe fôr falar.

Do seu, admirador e fiel,

António.

Minha Amiga :

Nova carta. Duas num dia. Cristo teve uma cruz. Sôbre o seu ombro, frágil apoio de sêdas e caricias, vão pesar duas. Mas perdoe-me, como Cristo perdoou aos fariseus. E maior será a virtude do seu perdão, porque vai sofrer duplamente a mortificação do crucificado.

É que me esqueci, na carta de há pouco, de lhe acentuar uma impressão estranha, uma bôa alucinação desta manhã.

Recorda-se de que ontem, na sua salinha amorável, em certo lanço da conversa, tomei na minha mão pesada

a leveza quáse fluida do seu lenço de renda. Recorda-se de que lho pedi para dignificar o meu dedo mínimo sob êsse véu nupcial — véu reduzido que lhe ficou como *bibe* ao pescoço dum pequenino. Rimo-nos do caso. Eu arrisquei a propósito meia duzia de trôpegas banalidades. A minha Amiga, a propósito, urdiu uma dúzia de fúlgidos paradoxos. No ardor da conversa, ao claro rumorejo do riso, cingi ao seu o meu lenço, realizei neles a aliança simbólica da fôrça e da fragilidade. E não os quis desligar mais — recorda-se, não é verdade? — a fôrça abatida de fraqueza, no mêdo dum outro simbolismo agoirento

E que bem fiz trazendo o seu lenço comigo, afectuosamente abraçado ao meu! Hoje de manhã, olhando-os unidos, vi neles duas correntes de vida encontradas numa só corrente. Depois, insensivelmente, o perfume do seu lenço, o seu perfume, deu-me a ilusão de que a via a si, à minha Amiga, na sua estrutura humana, na sua expressão feminina, corpo e alma, à mercê dos meus sentidos.

Era no meu gabinete de trabalho, entre os meus móveis e os meus pinceis, sob os óleos e as esculturas que no seu sagrado mutismo nos assignalam aspectos da dôr e da beleza, da ferocidade e do amor. E a Ana Maria, tal qual a vi ontem, na singeleza das mesmas atitudes e na linha do mesmo vestuário — gracil figura heráldica dum Wateau modernizado — dominava todo o espaço vazio.

O perfume tem o segrêdo sortílego dêstes prodígios de maravilha. O perfume é um bruxo capaz de tôdas as feitiçarias. No século XV, nos conventos de Itália, quando se entregava às freiras a carta dos perigos da vida, representados no grau da sua gravidade pela correspondente altitude de montanhas, a segunda montanha no tamanho era a dos perfumes — «porque os perfumes são fermentos de lascívia» — orava a carta. Mas o perfume não é apenas um fermento de lascívia. Êle é, acima de tudo, um estranho prestidigitador, com tôdas as lànguidas sugestões da música e do canto, com tôdas as do-

ces subtilezas da palavra e da carícia, que do nada duma sensação cria mundos de quáse realidades.

Senti-lo hoje, em nossa casa, igual ao que há uma semana, há dez semanas, num pomar saturado de frescura, nos lisonjeou o olfacto, é ter êsse pomar outra vez na moldura da retina, no éco do ouvido, na verdade da sua côr, nos seus naturais murmúrios, na sua frescura de bucólica. Surpreêndê-lo de novo, o mesmo que há anos, há muitos anos, foi nosso colaborador num drama de família, é reviver êsse drama na sua máxima violência.

Eu senti hoje, aqui mesmo, o que a minha Amiga traz consigo, o que se desprende das suas mãos requintadas, quando as ergue, como asas no vôo, no ritmo lento do gesto ; o que se derrama dos seus cabelos inverosímeis, quando os sacode, como chamas ao vento, no assomo nervoso da sua vontade caprichosa ; o que os seus vestidos exalam, pelas mil bôcas dos poros abertos, quando passa, ou levemente os agita na ondulação do movimento. E logo, pelo po-

der do sortilégio, o seu rosto surgiu iluminado de vida — êsse rosto enigmático e expressivo, cujo enigma não decifrarei nunca. Os seus olhos brilharam de certeza — êsses olhos veludosos e amargos, cujo amargor não consigo diluir. E com o seu rosto, com os seus olhos, desenhou-se, alteou-se, animou-se na mancha da perspectiva, a flor perturbante da sua cabeça, na haste flexível da sua escultura.

Tive-a aqui, a meu lado, na minha presença, real e verdadeira, nesta cela escura que por momentos se fez o meu santuário — de que a Ana Maria, sob o halo auroreal do meu amor, era o ídolo que se serve com humildade e contentamento.

Vê que nem sempre ao crime de furto corresponde o espinho do remorso ? A êste crime, a êste furto, correspondeu, pelo contrário, um prémio de consolação.

Não lhe parece ?

Pode não ser o que mais de perto se entende com o nosso desejo, mas é alguma coisa ao pé dêle. Porque se nos

não dá a posse efectiva do que desejamos, permite-nos a doce ilusão dessa posse. E a vida vive-se mais pela ilusão do que pela realidade.

Acompanha-a em alma e devoção o seu

Antônio.

Minha Amiga :

Há quáse um mês que nos encontramos uma e duas vezes por semana. Há muitas semanas, quáse todos os dias, que me esforço por lhe firmar a crença, — não a crença por palavra, que é falível, mas por sentimento, que não se improvisa — da segurança do meu amor. E há mais de um mês, há não sei quantas semanas, que a Ana Maria hesita, que a Ana Maria se retrai, no receio da minha firmeza, no pudor da sua sinceridade.

Eu compreendo êsse estado. O Jorge, a-pesar de tudo, através dos meus protestos leais, da minha fidelidade pro-

vada, continua aninhado no fundo do seu sêr. O Jorge escreve-lhe, o Jorge insiste. E a Ana Maria, sem coragem para se decidir, hesita entre a obrigação contraída e o pacto por confirmar.

Não negue. É assim mesmo. E se no seu estado alguma coisa há ao alcance das minhas censuras, essa coisa é o ocultar-me que êle lhe escreve. Só se oculta o que nos compromete — ou porque expressamente o consentimos, ou porque tácitamente o desejamos.

Ora isto, êste estado, não pode manter-se por mais tempo. Não lhe convém a si, eu não o tolero. Se lhe parece que a sua felicidade depende da aproximação do Jorge, não recue no caminho rasgado ao seu destino. Se não está nêle a felicidade, diga-o então, proclame-o alto, tenha fôrça e altivez para o declarar. Esta incerteza de maneira alguma. Esta dúvida por nada dêste mundo.

Não, minha Amiga. Já não tenho nervos, nem fibras, nem coragem para afrontar o veneno da dúvida — da dúvida que nos amolece, da dúvida que

nos desmoraliza, da dúvida que nos queima, da dúvida que nos enregela, da dúvida que nos mata. Entre o horto das Oliveiras na incerteza da cruz, e a cruz, na certeza da morte, antes a cruz. Morre-se, no suplício e na soledade, mas duma vez, e na consciência do minuto final. Ao passo que no primeiro caso morre-se também, mas mil vezes, e com os olhos sempre postos na luz que nunca chega.

Até àmanhã. Àmanhã à tarde vou buscar a sua resposta. Se sim, sim! Se não, não!

Do seu, sempre seu,

António.

Ana Maria :

A tua resposta ! Aquele beijo eterno — bôca entreaberta, olhos cerrados, face escarlate, coração ansiado, êxtase divino !

O que teria aquele beijo, Ana Maria, de que essências misteriosas viria saturado, meu Amor, que se fixou em mim, que se infiltrou na minha bôca, no meu sangue, na minha alma, e hoje como ontem, àmanhã por certo, à certa para todo o sempre, ficou a destilar-me na bôca gulodices de ambrosia, ficou a derramar-me no sangue bafajens de primavera, ficou a alumiar-me a alma de manhãs de mocidade ?

A tua resposta! Aquele beijo profundo — silêncio confuso, feito de todos os alvoroços do instinto, na espectativa de ignoradas harmonias! Aquele beijo supremo — protesto sacramental, feito de tôdas as delicadezas do sentimento, na comunhão comovida de estimulos em perturbante florescência!

— Leu a minha carta? — inquiri, servido o chá, e em seguida ao torneio protocolar das fórmulas preliminares da conversa.

Não me disseste nada.

— Leu? — insisti.

E como então, sob a minha insistência, me dissesses que sim, com a cabeça, perguntei ainda:

— E o que responde?

A chávena de chá, minúsculo turíbulo de porcelana na paz religiosa do ritual, tremeu-te na mão. E eu vi a tua mão trémula poisar a chávena na mesa próxima. E eu vi os teus olhos fitarem-me numa fixidez exaustiva, cerrarem-se depois, as pálpebras fremendo que nem asas de abelha na hora fatídica da morte. E eu vi a tua bôca entreabrir-se,

e oferecer-se-me, e dar-se-me, inteira, completa, passiva e dominadora, na sua clamorosa mudez . . .

Aquele beijo, em que senti a maré viva do teu coração — resposta que me fez crêr no Himêto! Aquele beijo, em que ouvi a longinqua canção do teu amor — resposta que me deixou a bôca a escorrer mel!

Escuta, Ana Maria. Perdôa-me a violência da carta ontem recebida. Perdôas, sim. Já mo juraste, no teu beijo de ressurreição. A mulher, que não perdôa uma graça ao desamado, ao amado até perdôa a desgraça.

Mas não queria, a-pesar disso, deixar de te pedir perdão. Demais, bem sabes, só há gritos de angústia onde a dôr é verdadeira.

Outro beijo, do

Antônio.

Meu Amor:

Minha! És minha!

Ao clamá-lo, a mim mesmo, hoje de tarde, na descida para casa, tinha a sensação física de ouvir fanfarras de instrumentos de oiro em marchas de triunfo! Ao repeti-lo, no meu cantinho, neste momento, parece-me escutar orquestras de arcos de sêda, violinos feiticeiros, em torneios de lànguidas melodias!

E o teu nome, Ana Maria, vibra-me na garganta em modulações de gorjeio! E o teu nome, Ana Maria, salta-me da bôca em revoadas de faúlas! E digo o teu nome, Ana Maria, baixi-

nho, só para mim, rezo-o, sorvo-o, bebo-o, numa tontura de embriaguez! E grito o teu nome, Ana Maria, lanço-o ao silêncio do meu embevecimento, canto-o, exalto-o, sublimo-o numa glorificação de aleluia!

Como fui feliz! Como sou feliz! Sinto-me maior do que a minha aspiração. Considero-me mais rico do que a minha fantasia. Mal pensei no paraíso — e o paraíso fez-se o doce retiro das fadigas dêste pobre peregrino. Apenas entreolhei o céu — e o céu desceu afàvelmente ao encontro dêste alvoroçado professo!

Ana Maria! Meu Amor! Vaso dócil e amigo da minha sêde de ternura! Pão pascal e oloroso da minha fome de sensação! Bemdito e louvado seja o teu nome, pois o teu nome é a chave da bem-aventurança! Bemdito e louvado seja o teu amor, pois o teu amor é a porta da vida eterna!

Agora sim. Subi para lá de mim mesmo, pus-me à altura do sol. Porque sei agora, de certeza, que me queres! Porque sei agora, de verdade, que me per-

tences! O teu sacrifício tornou-se a minha Ascenção.

E cá de cima, da minha altura, o mundo afigura-se-me todo êle um horto em flor, com os seus caminhos muito a direito, e os talhões a ressumarem riso, onde até as silvas se inclinam a ungir os pés do caminhante.

Bemdito e louvado seja, com o teu nome, com o teu amor, o teu sacrifício! Banhou-me o coração na pia de baptismo duma bondade que se não diz . . .

Do que é hoje, do que será àmanhã, o teu

António.

Ana Maria:

A nossa viagem de núpcias é agora um dos bons capítulos das minhas memórias. Deixa-me recordá-la, porque recordar é tornar atrás para ver melhor.

Nós dois, sózinhos. Dois, não, um — que em nós já não há tu nem eu, há apenas um, a fusão de duas chamas numa luz. O automóvel a arfar estrada fóra, ao longo dos bisonhos campos saloios do contôrno da cidade ; através da árida charneca dos subúrbios do Cacem ; ganhando as colinas túrgidas de Tôrres Vedras, onde os pâmpanos luziam no seu brilho errante de estrêlas ;

rasgando por fim a bucólica sadia dos prados sensuais, dos renovos pujantes do termo de Alcobaça — fiéis à tradição gastronómica do seu convento bernardo, êsse que mereceu à pena aristocrática de Beckford, o mestre precursor do naturalismo moderno, as apostilas e comentários dum atónito e humorístico sabor.

Em Alcobaça, que semelha de facto, no fundo afestoado do seu vale, entre pendores ricos de verdura, uma alcôfa de esparto a trasbordar flores e frutos, fizemos a nossa primeira estação. E o que nós dissemos, e o que nós sonhámos face a face da filigrana evocativa dos túmulos em que Pedro e Inês repousam — um em frente do outro, em sentidos opostos, os pés de Inês quáse a tocarem os de Pedro ! Não sei se te lembras de que num momento, encostada a mim, ao meu braço, ao meu peito, ao meu coração, fechaste os olhos, naquele movimento na comoção necessário à tua sensibilidade alarmada. E numa voz longínqua, que parecia saír do fundo da Idade-Média, da era dos

reis namorados, disseste que os sentias, a Pedro e Inês, ali a teu lado ; que se erguiam dos túmulos, na inteireza da sua humanidade ; que se encaravam a sorrir, no ar natural de quem se levanta do sono duma noite ; que se beijavam, à sombra das arcarias góticas, tal qual como à sombra ogival dos cedros e olmos da Quinta das Lágrimas. A marcha de Alcobaça para a Batalha, bemdizendo a glória próspera dessa terra de virtude — terra onde cada flor é um farto ramo de pétalas, terra onde os frutos ostentam a opulência de nababos — foi rápida e suave.

A Batalha ! Lembras-te, Ana Maria ? A minha exclamação de encantamento em frente da sua fuga alada para o céu — floresta de agulhas, pináculos e coruchéus tôda a abrir em rebentos de primavera.

Entramos pela porta principal — e aquela chusma de santos e santas dosselados que irrompe para o alto na vertigem ogivada das arquivoltas, fez-me pensar, por antítese, na água-forte de Doré que reproduz a revoada dos ré-

probos do amor na noite sinistra do *Inferno*. Por baixo, os dôze apóstolos, muito calmos, alheios ao turbilhão de ansiedades que tumultua sôbre as suas cabeças, semelham lentes de prima a orar sôb as borlas dos baldaquinos.

Entramos, abafando os passos, que a palavra secára nas nossas bôcas. Cá fóra a chuva, clamorosa, caía nos lagedos do pavimento, dando às gárgulas angulares o aspecto de seres engasgados a vomitarem torrentes. Lá dentro a penumbra, acariciante, palpitava ao som nostálgico do cantochão, tornava mais comovidas aquelas vozes religiosas.

É verdade! Era sexta-feira santa! E tínhamos a sensação, a minha igual à tua, de que o velho corpo medievo, sempre moço afinal, afinal sempre vivo, acordára estremunhado para nos receber e louvar! A psalmodia dos celebrantes, fluindo do altar-mór, dos altares laterais, do parapeito do púlpito, alastrava, percorria as naves extáticas, insinuava-se pela filigrana das arcarias. Nós víamos tôda aquela delicada e mís-

tica vegetação de pedra estremecendo, arfando, elevando-se ao sôpro contagioso do canto litúrgico. As ogivas das janelas alçavam mãos súplices para o alto. As flechas dos baldaquinos eram estalactites em flor desabrochando na graça de Deus. E sob a luz sinfónica do policromismo dos vitrais, halos rubros a diluirem-se em résteas amarelas, projecções verdes a animarem penumbras rôxas, as colunas pareciam tomadas de febre na sua marcha sôfrega para o seio da Perfeição.

Nós mesmos, Ana Maria, arrastados pela ressaca da maré viva de misticismo, o nosso corpo a vibrar de incontidos anseios, a nossa alma a iluminar-se de desconhecidas revelações, nos sentíamos ascender naquele jôrro de milagre!

O que nós sofremos e o que nós gozamos! Como fomos a inquietação que se não satisfaz, e a plenitude que se completa! Tu, meu Amor, sufocavas no estonteamento da perturbação. Eu, mais calmo, procurava arrancar-te à vertigem, levar-te a atenção para as

épocas recuadas cuja fisionomia nos espreitava dentre a floração das rosáceas e dos coruchéus. E decidi desviar-te da igreja na intenção de te serenar. Estou a ver-me a apontar-te as finas ogivas góticas do claustro real — magoado pelo desprimor dos que as encheram de pesados ornatos manuelinos. Estou a ouvir-me a celebrar a infinidade de lóbulos e crochets das agulhas e flechas do corpo central do templo — atordoado pela arrancada dêsses milhões de asas em demanda do Preste Johan da Eternidade.

Acariciava-te os nervos com o louvor da sala nobre do Capítulo. Lisonjeava-te o sentimento com a exaltação do claustro humilde de D. Dinis. As capelas imperfeitas, os túmulos históricos, em que o espírito legendário da tradição portuguesa se funde na aliança das reminiscências inglesas da Jarreteira, dos leopardos heráldicos, da flor-de-lis «arrancada à altiva Gália», passaram sob os nossos olhos humedecidos, ajudaram a timidez da nossa palavra hesitante. Mas, a-pesar de tudo, eu ti-

nha a certeza de que tu, minha sensitiva, alma fremente de contemplativa num corpo sôfrego de amorosa, te mantinhas escrava da idea fixa, da sugestão primitiva, fôlha solta no vendaval, argueiro no sorvedouro.

Logo confirmou a minha certeza a tua nova perturbação. Reentramos na igreja. Padres e povo haviam saído na procissão do entêrro. A chuva redobra de intensidade. Dentro em pouco, padres paramentados, povo endomingado, virgens, andores atordoam as naves na fuga do dilúvio universal. O teu desassocego aumenta. Seguras-te ao meu braço, numa confusão de naufrágio. E como a massa híbrida de formas e côres sombrias se aglomerasse junto da abside, de súbito abafada em silêncio, rebanho à espera que o Bom Pastor abrisse a porta do redil ; e como a chuva se calasse daí a nada, e o sol desabrochasse nos vitrais em fulgurações alacres de fogo de artifício, ergueste para os meus os teus olhos suavíssimos, pediste, suplicaste :

— Vamos. Não posso mais ...

E fomos. E saímos. O céu, nessa chã entre montes, era um tôldo de mescla cinzenta com remendos de setim azul.

Metemos ao automóvel. Não olhávamos para o mosteiro, quáse no terror da voragem, quáse no receio do abismo. Daí a pouco, em silêncio, as mãos dadas, como as de D. João I e D. Filipa de Lencaster nas estátuas jacentes dos túmulos dos fundadores, rolávamos na estrada de Leiria. O ar soltava-nos os pulmões. Os pinheirais dançavam à passagem do carro. E os teus olhos só sorriram, e a tua bôca só gorjeou ao abrir-se na nossa frente, num rasgo de scenografia, a écloga pagã do vale do Liz — vinhetada pela cidade, a velha e recolhida cidade que tem nas ruínas altas do castelo medieval o sêlo heráldico da sua carta de fidalguia.

Falamos então. Evocamos. Reconstruímos. E de novo a felicidade murmurou na nossa voz. E outra vez o amor chilreou nos nossos beijos.

Do teu, agora e sempre teu,

António.

Meu Amor :

Há quinze dias, há quinze séculos que nos não vemos. Há quinze dias, há quinze eternidades — desde que partiste para a Beira — que procuro iludir a desolação da tua ausência dando-te como presente nas páginas vivas do meu diário. Mando-te algumas dessas páginas, através desta carta, para que por elas avalies a febre que me queima, o que por ti penso e para ti sinto. —

. . . . . .

« Julho. 13. Três horas. A mesma hora de há dois meses, e que diferença duma para a outra ! Hoje sinto-me só, no deserto rumoroso da cidade. Nesse dia, a

esta hora . . . sentia-me tão acompanhado, como se naquela sala de quatro palmos estivesse o mundo todo, sem lhe faltar um pésinho de craveiro. Vejo-a agora na plena graça de então. Ouço o noturno da sua voz. Também o vago pizicato, a quente vibração da minha. Tenho a inefável impressão de que vogo, ao lado dela, como nessa tarde contraditória. Adormecemos quáse no mar morto da fantasia. E as nossas vozes em surdina, de ritmo calmo, são o lento chapinhar de remos na água resignada. Tenho a escarlate sensação de que a par dela oscilo, tal qual como nessa tarde de tempestade, agitado sôbre a vaga alta da exaltação. E a minha voz sacudida é um tirânico sibilar de vento sem rumo certo. E a sua voz amorável é um trémulo palpitar de véla sem defesa . . .

— « Julho. 15. Ana Maria! Longe? Não, estás comigo, como há três semanas, nesta hora de consagração! É verdade. E até banho o terceiro dos meus sentidos no sangue aromático da rosa que te chaga o peito! E até em-

balo as meninas dos meus olhos no berço do teu seio — berço quente, e setinoso, e ondulante, noite e dia alumiado pelas duas brasas espertas do fogo dos teus peitos! Aspiro o aroma dessa rosa. Observo o arfar do teu seio. Sonho? Vivo? Não sei, eu não sei nada!

— «Julho. 16. Duas horas e meia. Bate-me no peito o alvorôço dêsse dia, dessa hora de comunhão. E foi há tanto tempo! Chego a convencer-me de que não foi sequer! Nada se afasta de nós, da nossa perspectiva interior, como a luz da felicidade. A sombra derramada pela desventura, essa, ao contrário, como adensada pelo permanente receio dum mau regresso, ao longe mesmo está sempre perto. Três horas. Quatro . . . Cinco . . . Desfalecida primeiro . . . Voz opressa, olhos cerrados, na prostração de jornada de léguas . . . Depois a sua voz desprende-se — pulsação musical de harpa afastada. Os seus olhos despertam — flores das que abrem ao afago do sol. E sacode o ambiente um rumor abafado de Walkirias longínquas na marcha cálida dos beijos. E parece

ouvir-se o respirar de Parsifal, prisioneiro do castelo do *Brando Repouso*, ao abater a cabeça no colo perfumado de Brancaflor . . .

É curioso : — na alucinação do sonho e da distância vejo-te como morta, sob um claro sendal de sêda. E sôbre o teu corpo inerte cái a chuva cromática de rosas desfolhadas . . .

Meu Deus ! Sonhar é morrer, não é viver !

— « Julho. 29. É noite ! Onde estás? O que dizes ? O que pensas ? Em mim ? No regresso à felicidade ? O mar aflige-me. E julgo sentir o mar, ver o mar a meus pés, a preparar-se para me devorar. Bate cavamente nos penedos cariados que me protegem, e que soluçam a sua grande dor de Prometeus. É realmente o mar ! Mas corta-lhe a epiderme crispada, num rasgão trémulo, um rubro gilvaz que sangra e palpita. O mar sufoca-me, o mar arrepia-me . . .

E és tu, meu Amor, que vens tirar-me daquela angústia ! E és tu, minha Vida, que vens proteger-me daquele dragão !

Sorris depois, num sorriso de enlêvo e de esquecimento. Olhas depois as estrêlas, a lagrimejarem no céu profundo. Torno a ouvir ainda o mar — mas neste instante satura de beijos a areia que lhe abre os braços. E neste momento feliz, feliz a teu lado, creio assistir às suas núpcias de amor — a que não falta o órgão, a marcha nupcial do costume, cuja toada mística se derrama na escuridão...

.....

Aí tens alguns dos traços do meu diário. E repara num significativo pormenor. Não escrevi uma linha em homenagem ao actual — às realidades de hoje. Apenas procurei prender ao papel as sensações de ontem, na ilusão de que eram outra vez realidades presentes. É que, para mim, Ana Maria, de todo o tempo só sinto e entendo o que corresponde aos dias e horas em que fomos felizes. O meu hoje, nesta crise, é todo ontem. Vem depressa! Vôa ao teu ninho! Olha que se demoras, quando chegares, só encontras penas — porque

de mim, nessa era, nem existe já senão um confuso enigma de pele e osso ...

Beija-te e espera-te no mesmo alvoroço o teu

António.

Ana Maria:

Observaste-me esta tarde, num quáse amuo infantil, num tom quáse magoado: «Regressei há um mês. Há quatro meses que te quero bem. E ainda me não disseste, uma única vez, se me consideras bonita ou feia, se te agrado ou não como mulher».

Não respondi pela palavra à tua argüição. Limitei-me a sorrir, o que notaste, não é verdade ? Mas o que não fiz pela palavra, passo a fazê-lo pela pena.

És bonita ou feia ? Em primeiro logar o bonito e o feio são tão relativos como a nossa falibilidade de julgadores.

Em segundo lugar, e isto é que é tudo, minha desventurada Insatisfeita, não há mulher feia para uns olhos cegos de amor.

Amo-te ? Eu não curo de saber se a côr do teu cabelo é o loiro de Ceres ou o negro de Juno — se usas bandós em forma de coração, à Margarida de Valois, se dás ao penteado a altura da guilhotina, à Maria Antoniêta. Eu não pesquizo nos teus olhos o inferno dos de Laïs ou o céu dos de Godiva. Eu não sei se o teu nariz é mais ou menos perfeito do que o clássico nariz de Friné. Eu não sei se a tua bôca é menos ou mais flexuosa do que a bôca ideal de Beatriz. Eu sei apenas, e basta, que és o que és, como o Senhor ou o Acaso te compuseram, como o meu amor ou a minha cegueira te elegeram.

Que te importa o resto ? Deixa-te amar assim, embevecidamente, no que és, no que não és, conforme a visão certa ou a doce miragem do meu encantamento.

Não te amo ? Onde viste tu mulher bonita para um homem saciado da sua

beleza ? Ouve, anfora viva da minha sêde de beijos, clara manhã da minha febre de luz : — supõe que te não amo. Ressuscita em ti, nesta hora, a sinfonia escultural da linha, a côr e a proporsão a que a história ou a lenda rendem louvores. Consegue da Natureza, ou de Deus, ou do Amor, a cabeleira perturbante de Eponina, mulher de Sabino, a que sendo formosa morreu às mãos do carrasco. Copia a fronte serena de Lucrécia, mulher de Colatino, a que sendo bela morreu sob a lámina do punhal. Põe na tua bôca o sorriso e a frescura dos de Virgínia, filha de Ápio Cláudio, a que por suas graças terminou ao ferro de seu pai. Revive no teu rosto, no seu contôrno e na sua harmonia, os encantos do de Cleopatra, a bem amada de Marco António, a que por sua sedução acabou ao veneno duma víbora. E reconstituindo a estatuaria nobre de Beatriz Cenci, a dama romana que embora duma rara distinção foi levada ao patíbulo ; e reproduzindo a aristocrática elegância da Condessa de Dubarry, a dama francesa que a-pesar do

seu prestígio foi arrastada à guilhotina, surge-me inesperada, ou vem para mim anunciando-te. Sorri. Envolve-me no colar macio dos teus braços. Procura na minha bôca o consôlo da tua bôca. Que eu, que te não amo, que me fartei dos teus beijos, que me aborreci dos teus braços, volto os olhos, contraio o corpo, bocejo, durmo, como sob a montanha dum narcótico.

A mulher linda, para nós, é aquela que trazemos connosco, na moldura do nosso coração. E ai dela, minha insaciável curiosa, no dia em que da moldura familiar, e tépida, e confiada a descermos ao frio laboratório da observação e da análise!

Vês? Bem feito! Querias madrigal? Nem a requerimento. Pois tu não sabes, tontinha, que o madrigal é moeda falsa para acudir às virtuosas que se não amam?

Do teu, muito teu

António.

Ana Maria :

Porque, para que essa vaga de ciúme ? Não tens a justificá-la a sombra duma razão. É certo que fui ante-ontem tomar chá a casa de M.me Rufino. É certo que ontem, quando aí estive, te não falei nesse chá. Mas preciso acentuar que em M.me Rufino nada há de comum com a mulher que falsos testemunhos te pintaram perigosa. E se não te falei no assunto, foi apenas por não o haver promovido, até à hora do correio de hoje, a caso de sensação.

M.me Rufino teve uma fragilidade amorosa na sua vida de casada. Soube torná-la perdoável, porém, pelo culto

fiel e pela paixão exaustiva, sem reincidir no êrro primitivo. Além disso, se abusa do coquetismo, o seu coquetismo é superficial, ia a escrever de indumentária, pois não lhe interessa a intimidade do sentimento, adeja-lhe de leve à flor das sêdas e dos veludos.

De resto, ela, tão caluniada, tão desconhecida, é uma mulher de exigências elegantes de espírito e de convivência. Daí o dispôr da superioridade calma que mantém entre os seus íntimos e a sua estima a distância que torna o uso adorável sem dar margem ao abuso.

Já vês, Ana Maria, que o teu crispar de ciume, que o travo amargo das tuas palavras comentando a minha ida a sua casa, o meu silêncio a êsse respeito, a minha intimidade com tal mulher, são excessos de precaução de pessoa que a conhece deformada pela calúnia.

Depois, é necessário pôr as coisas no lugar devido, dar aos factos o sentido exacto, impôr à vida a sua lógica natural.

O ciúme acusa em nós um estado

de animalidade bárbara incompatível com a nossa cultura de hoje. É o sedimento da caverna, o remoto palpitar da sombra agreste da floresta genésica. Não tem beleza, não tem espiritualidade, não tem raciocínio. Sôa a rugido, cheira a fera, sabe a sangue. Logo contraria, em absoluto, a linha arquitectural e a chama luminosa duma alma saturada de humanidade.

Isto pelo que diz respeito ao ciúme. Supõe agora, que eu tinha, de facto, qualquer interêsse inconfessável por M.me Rufino. Sabendo tu, como tens obrigação de saber, quanto te quero, — tu, a mulher que entre tôdas e além de tôdas sigo e exalto — que significado poderias dar ao meu interêsse? Uma leviandade, um capricho, um nada, sem relêvo para contar na minha vida, muito menos para perturbar a tua.

E se a vida é assim, Ana Maria! Não procuremos transformá-la. Não a transformaríamos nunca, por mais que clamássemos no deserto, por mais que bradássemos à lua — a terra sempre no mesmo giro, as almas sempre na mes-

ma curva, as leis sempre no mesmo roteiro. O homem é, em geral, o catavento desta coisa que se chama o edifício social. Anda para a direita, volta-se para a esquerda, hesita, queda-se, mexe-*se*, corre ao sabôr dos olhos mais lindos da sua órbita de acção, os últimos entrevistas, ao afago do sorriso mais aliciante do seu conhecimento, o derradeiro surpreendido. E tudo isto porque a Natureza, a mãe, a perceptora, a legisladora, assim o quere, assim o exige, assim o impõe — e assim o escreveu nas sagradas escrituras que regem os destinos da Espécie.

Porisso, a mulher, a que deseja e sabe ser feliz, sem prejuizo da felicidade do escolhido, precisa subordinar-se a esta regra, a esta lei, a esta imposição — que por não ser da nossa responsabilidade, não pode ser-nos argüida.

Quero dizer porventura, com o que aí fica, que penso em te atraiçoar ? Que não sou o fiel da primeira hora ? Que não sinto a necessidade de ser teu até à hora final ? De maneira nenhuma. Quero dizer que se te atraiçoas-

se, que se não fôsse fiel, além de não ser minha a culpa, não te substituiria nunca no altar e na missa do meu amor.

Não penses mais em sombras e invernias. Pensa antes no nosso sol, na nossa primavera, na nossa felicidade. E, acredita : M.me Rufino, digam dela o que disserem, é uma mulher de carácter, é uma mulher de equilíbrio, é uma mulher superior.

Beija-te o todo teu

Antônio.

Ana Maria :

Não falaste em ciume. É verdade, não falaste. Nem descerias à transigência com semelhante inferioridade. Aplaudo o teu aprumo. Mas permite-me, a-pesar disso, que embora lhe não chame ciume, anote uma vez mais a rudeza da tua carta de hoje quando te referes a M.me Rufino, e o excesso da tua atitude de ontem quando te procurei em tua casa.

A minha defesa de M.me Rufino encerra a mais clara das confissões ! O que disse eu dessa senhora, que não pudesse ser dito de qualquer outra, em igualdade de circunstâncias, sem envolver o menor compromisso, sem traír

a mais ligeira confissão ? Além de que, Ana Maria, deixa-me afirmar-to, deixa-me jurar-to, pelo muito respeito devido à tua tranqüilidade, ao bom nome de M.me Rufino e à lealdade do meu carácter : — só há confissão onde há culpa ! E neste caso não há culpa, não a houve até hoje, não a haverá nunca !

Não foi amor o que senti por ti — dizes, sem uma tremura na mão severa. — Foi um capricho de momento, sem reflexo no coração. E enquanto tu sacrificaste tudo ao meu capricho, honra de mulher e futuro de casada — isto não o declara a tua delicadeza, deixa-o perceber a tua exaltação — eu não te sacrifiquei sequer a vaidade de contar na vida uma nova conquista !

Como a desconfiança te perturba o senso exacto de julgadora — a virtude basilar do teu nobre temperamento de mulher. Eu não te amei nunca ! Eu não tive em ti senão um capricho de momento ! Eu não te sacrifiquei sequer a vaidade duma conquista nova !

Mas o que é o amor para o teu sentido dos valores, Ana Maria — se não

é amor o meu desejo da tua presença, sempre o mesmo, a minha amargura da tua ausência, cada vez maior? Mas como é possível confundir o meu entusiasmo de meses, e aquele desejo, e esta tortura — alvorôço que não cansa, febre que não desce, sonho que se não dissolve — com a névoa fluida do capricho? Mas onde está a conquista que me atribues, descrendo de ti, da soberania do teu prestígio, desconfiando duma desconhecida, da inteireza do seu equilíbrio, reduzindo êste que te quere, com tôdas as energias da sua alma e tôdas as fibras do seu corpo, à triste miséria dum comediante?

Não te sacrifiquei nada! E no entanto, até os meus pinceis, os que eu nunca havia esquecido, até êsses se queixam de mim... porque os abandonei por um amor maior!

Ana Maria, acalma os nervos. Abre os olhos. E até àmanhã. Àmanhã, mais calma, vendo melhor, falaremos.

Beija-te, com ternura, o teu

António.

Meu Amor :

Não. Torna a contar. Foram seis os dias que estive sem te ver e sem te escrever. Seis unidades, na minha aritmética, não valem oito — são iguais a três, mais três. E tu já sabes que se não te escrevi, que se não te procurei, foi por motivos superiores à minha vontade e estranhos aos meus interêsses.

Eu, velho amigo do Silveira, cheguei a detestá-lo pelo que me fez sofrer durante êsses seis dias de penitência! Eu, tão paciente para os próprios inimigos, surpreendi-me a considerar com impaciência os cuidados daquele amigo, obrigando-me a renunciar, por tanto tempo,

aos teus beijos, que queimam como brasas, aos teus afagos, que suavizam como bálsamos.

Hoje escrevo-te a correr. Meia dúzia de linhas para te pedir perdão pelo silêncio e pela ausência de seis dias, e para te prevenir de que te procuro àmanhã, sem falta, às duas horas.

Estou a concluir — espero conclui-lo esta tarde — o quadro para o Albuquerque. Has de vê-lo! Anima-o uma expressão nova! Fulgura nas suas tintas uma luz que me desvanece! E se não fôsse o receio de me iludir, juraria, neste instante, aos Santos Evangelhos, que encontrei enfim a expressão do triunfo, que fixei afinal a luz da redenção.

Não há duvida, minha Vida, a obra que temos entre mãos — só por êste motivo se compreende que a realizemos! — é sempre a nossa obra prima.

Adeus. Até àmanhã. Pensa e crê no teu

Antonio.

Ana Maria :

Azedas a tua e a minha vida. Porque êsses desesperos ? Para que tais recriminações ? Não mas diriges, directamente, vejo-o bem. Não mas fazes a mim, ao teu António, confesso-o com lealdade.

É a ti própria que as diriges — porque estás castigada, porque devias prevèr. É a ti mesma que as fazes — porque foste uma fraca, porque sofres pena merecida ! Mas, cada uma delas, assim aparentemente desviada do alvo, é um golpe certeiro que me vem direito ao coração.

Não sejas injusta, Ana Maria ! E

crê na minha ternura! E confia no meu amor! Sem confiança não há estima, não há tranqüilidade. Sem estima não há tranqüilidade, nem há amor, nem há vida. Sossega, confia, crê. E eu prometo, e eu garanto — são três dias mais, o tempo preciso para os retoques no meu quadro — que em breve, outra vez Parsifal, irei à conquista do vaso sagrado da tua confiança!

Do teu, através de tudo teu

António.

Minha Senhora:

Desperto! O seu amor! O seu amor por mim! Mentira! Não foi nunca senão um expediente de fácil condescendência! Condescendência que a sêde da curiosidade espertou. Era isto! Só isto! Mais nada! Impressionou-a o tumulto bárbaro do meu sentimento. A curiosidade, então, tomou-lhe o braço, trouxe-a a debruçar-se, e a refrescar a sêde, na torrente que passava. E aí está! Eis tudo! De maneira que, saciada a curiosidade, sem razões, sem explicações, sem ao menos se despedir — o seu bom amor! — sái de Lisboa, embarca para a

Madeira, procura noutro homem outra fonte de sensações!

E vai dizer-lhe, com certeza, como me disse a mim, que é êle o primeiro que no seu corpo acorda a satisfação de ser amada!

E vai afirmar-lhe, jurava-o sôbre o fogo, como eu o ouvi afirmar, que só êle conseguiu acender-lhe na alma o entusiasmo da paixão!

Mas não! Eu não consinto! Nunca me senti capaz duma vingança, menos ainda duma denúncia! Hoje sinto-me disposto a tudo. A caluniar se fôr preciso! Se fôr preciso a publicar a calúnia! Porque acima de si, e de mim, e das nossas conveniências mais ou menos confessáveis, está o sagrado culto do amor, que a sua mentira profana, que a sua perfídia enxovalha, que a sua duplicidade traz de rastos!

Vou escrever a êsse homem, e mostrar-lhe, sem um farrapo a cobrir-lhe a nudez, as misérias da sua alma! Vou dirigir-me a êsse desconhecido, e precavê-lo, sem tremura de hesitação, contra o contágio do seu cinismo! É

indispensável gritar-lhe — aí tens a mulher que vem oferecer-te as suas graças! É necessário bradar-lhe — esta mulher mente a sorrir, atraiçôa a acariciar, falseia a jurar! E só então, só nessa hora salvadora, hora sôbre tôdas bemdita, deitarei a cabeça, e poderei dormir, na paz do meu dia cumprido!

Não julgue que me contorso nos estertores do ciume! Não cuide que me desvaira a alucinação do amor traído! E tanto não é amor, e tanto não é ciúme, que me felicito, sinceramente, por haver partido para longe. Ainda bem que partiu — ainda bem que se desmascarou!

O que são as mulheres! Como a sua voz, ou se quebrasse nas arestas da dúvida, ou se espreguiçasse nos devaneios da certeza, tomava o rumor tépido da convicção, a terna tremura da súplica! Como os seus olhos se iluminavam, olhos castos até no pecado, e se rendiam, e se davam ao assalto fremente dos meus olhos! Como jurava com decisão! Como prometia com firmeza! E eu cria em si, nas suas men-

tiras! na sua voz, nos seus olhos, nas suas juras, nas suas promessas! E eu confiava em si, na sua perfídia! como se tudo quanto viesse da sua palavra ou dos seus actos fôsse selado por um sacramento! Afinal, sem mais nem menos, a mulher que eu erguera acima de mim mesmo na minha fé, a mulher que eu elevára à altura da divindade no meu amor, num gesto brusco, num arremêsso brutal, despede-me como vil serventuário, esquece-me como o último dos últimos! Sái de Lisboa! Embarca para a Madeira! Entrega-se aos acasos de nova aventura!

Não o duvido, é esta a situação! Foi o seu doentio impulsivismo que a levou a essa viagem! Foi a curiosidade de outro homem que a afastou de mim!

Não há como a mulher para destruir num segundo o que nos custou séculos de alvorôço e de devoção!

Ah, Ana Maria! Maldita a hora em que a conheci! Porque, por cada hora duma felicidade momentânea, eu estou penando as vinte horas da

soledade, sufocado sob montanhas de bronze!

Maldita a hora em que a beijei! Porque, por cada beijo colhido na sua bôca, começo a sentir cem espinhos ardentes embebendo-se-me nos poros, queimando-me a carne, rasgando-me as veias, fazendo lava o meu sangue, sangue o meu suor!

Maldita a hora em que foi minha! Porque, por cada carícia recebida, eu vou sorver, eu vou tragar, em haustos de aflição, todos os venenos do desespêro — as mil serpentes do deserto enroscadas ao coração!

Maldito seja eu, porque a conheci! Maldito seja eu, porque a beijei! Maldito seja eu, porque a possuí! Do

António.

Minha Senhora :

Ao chegar do correio, ao reentrar na minha cela, encontrei a sua carta.

Sei enfim o motivo da precipitada saída de Lisbôa, melhor, sei a justificação que lhe preparou. E respondo a essa carta, e comento essa justificação, — surprêso da ingenuïdade que me fez dar aparências de estranho ao seu passo acertado — para vincar a diferença entre o meu sentir de agora e a minha exaltação de há pouco : — há pouco excitado pela violência do imprevisto, agora acalmado pela água medicinal da bôa razão.

O procurar encobrir comigo, com o

meu crescente desinterêsse pelo seu amor — deveria ter escrito amor com A maiúsculo, a fim de lhe emprestar um ar de impressionante gravidade; — o atribuir-me a fuga desordenada para as suas bôdas outonais, seria matar-me de ridículo, depois de me exautorar pelo abandôno, se eu désse o flanco ao duplo golpe. Descanse, porém, minha Senhora. Saberei inutilizar-lhe o golpe, desconcertar-lhe o plano, ruidosamente, se insistir nessa obra piedosa, com o protesto e o desmentido da sinceridade que não teme.

Afirmar-me culpado da novelesca fuga para o Egito, arvorando-me em senhor Herodes, é converter um impulso aceitável num detestável movimento de especulação sentimental. É ter sôbre si mil e uma responsabilidades, e insinuar a convicção de que respira sem as suspeitar. É julgar cego quem vê por cem olhos. É supôr desacisado quem está farto de a compreender.

Em qual dos meus actos, em qual das minhas palavras manifestei desin-

terêsse por si ? Em qual dos momentos da minha vida tornei suspeita a fisionomia do meu amor ?

— Vê ? — nem eu sagro o meu amor sob a mitra dum A solenemente grande !

Não aponta palavra, gesto, o ressaibo diluído dum acto, a vaga ressonância duma coincidência. « Não posso mais. Saio definitivamente de Lisboa no vapor inglês desta manhã. Vou para os meus, para o sossêgo da Madeira. Não tenho coragem de assistir junto de ti, vendo-te, ouvindo-te, ao desfazer do meu sonho, o sonho mais lindo duma vida ! O teu crescente desinterêsse apavora-me ! Fujo no desejo de salvar o meu amor ! Porque ainda te quero, a-pesar de sentir que o meu ídolo, e eu a julgá-lo do oiro mais puro ! nem sequer é de barro ! »

E aqui está a acusação ! E é êste o libélo. E aí fica a máscara !

Não sei, minha Senhora, se manterá a acusação, se sustentará o libelo, se continuará mascarada.

Na hipótese de não abdicar dos pri-

vilégios conferidos por êstes recursos de ocasião — há mulheres que tiram deleite do acusar e desvirtuar com a face oculta no *loup* de Lucrécia — — acautele-se contra o uso e abuso do expediente. Pelo menos não me acuse sob o ouvido desconfiado do eleito. Pois nada desenfeita a mulher no gôsto do eleitor como o desinterêsse do concorrente. Pelo menos não me diminua aos olhos precavidos do escolhido. Pois não há para descer a virtude no conceito do crente, como mostrarmos-lha acessível ao que ficou em plano inferior a nós.

Exalte-me antes. Antes me exagere. Aquilo que eu apeteci da minha altura, é com certeza digno de deuses. E só assim — não exijo arras pela prática de leal conselheiro — o ídolo de hoje, êste deveras o Bezerro de Oiro, ficará a coberto das contingências do que foi de Aarão, no Velho Testamento, o que sendo de oiro, a valer, um sôpro tornou de pó — matéria prima que na hierarquia das coisas anda cem graus abaixo do barro.

Exalte-me, exagere, minta às minhas qualidades, minta ao seu sentimento. Demais, minha Senhora, a mulher só vence a lei clara que a condena à inferioridade na vida pela sábia rabulice da mentira. O pó de arroz é uma mentira? Dispense-o, e logo a sua pele a horrorizará. O espartilho é uma mentira? Não o adopte e o seu corpo será disforme. É uma mentira a sua ternura? Se a não fizer aceitar o homem fugir-lhe-há como duma lura de vespas. É uma mentira a sua superioridade? Se não lhe der foros de real nem os escravos lhe pedirão vénia.

A mulher — tão tarde o reconheço, tão tarde o descobri! — é a depositária duma única verdade permanente: — a sua eterna mentira! A mentira, na mulher, nem chega a ser pecado — por ser virtude o instinto da conservação.

E visto que chegamos ao ponto das despedidas, despeço-me com um agradecimento. Agradeço-lhe, creia me, o ter deixado Lisboa. Fez bem em mudar de clima. Se não foge para a sua aventura, eu caíria na minha sacieda-

de. E não há cruz que pese nos ombros, não há fel que amargue na bòca, não há veneno que escalde o sangue como o veneno, o fel e a cruz da presença dos que queríamos ausentes. Devo-lhe, em última análise, o haver-me libertado dum suplício que me poria no Tártaro, ao pé de Tàntalo — eu, sôfrego de ar, na asfixia dum jazigo!

De V. Ex.ª, para a servir,

António.

Ana Maria:

Não venho pedir-lhe misericórdia. Venho suplicar-lhe perdão — sem mêdo do ridículo, sem falsas hesitações. Escrevo-lhe vexado, amarfanhado no meu brio de homem, dorido na minha sensibilidade de artista. Porque? Pela carta, a segunda, que ontem lhe escrevi. A outra não, a primeira não me peza na alma. É violenta, é desgrenhada, é indignada — exprime com a lealdade dum cristal um estado de revolta e uma crise de dôr. É a voz do meu amor sangrando. Em vez de a agravar, deve lisonjeá-la — se por acaso o meu amor algum dia a interessou. É o termóme-

tro vivo da temperatura do meu sangue. Em vez de ma arguir, deveria agradecer-ma — se na verdade saíu daqui ainda a querer-me bem. Ao passo que a segunda — córo de vergonha, arfo de fadiga, à idea de que a escrevi — é dissimulada, hipócrita, desonesta. Quis ser ironia — e não é senão despeito. Quis ser sorriso — e não chega a ser esgar.

Confesso o delito consumado — a minha ofensa à beleza do espírito, que sofre com a hipocrisia, o meu pecado contra a fidalguia do sentimento, que se plebeiiza na dissimulação. A confissão aí fica. Espero da sua justiça que sôbre ela erga e trace a cruz e o sinal do perdão.

Sim, a Ana Maria, pensando bem, talvez tivesse motivos para fugir. Quase explico a sua fuga. Eu não lhe queria menos ontem do que hoje, hoje do que que há dois meses — quando os nossos beijos cantavam a aleluia de alva. De facto, porém, nas últimas semanas, ocupado pelo trabalho, dominado por preocupações, não tornava ao seu afecto os

carinhos que êle me dava, não acudia ao meu culto com os cuidados do zelozo pastor.

Daí a natural desconfiança e o lógico alarme. Daí o justificável pavor e a fuga que se lhe seguiu.

Mas a verdade é esta, absolutamente a verdade: — eu nesta hora não a amo menos do que há mil horas. E nem confrontando-o com o que a amava há meses, posso significar-lhe o meu estado de hoje.

É agora, Ana Maria, na sua ausência, e na angustiosa convicção de que não alumia mais a chama uma vez apagada, que meço de alto a baixo a estatura do meu amor.

E quero não lhe querer! E acumulo razões sôbre razões para dormir esquecendo.

Quanto mais quero o que não está no sentimento, quanto mais razões e razões acumulo, mais o sentimento a procura, mais a elevo no pensamento.

— Olha: abandonou-te! Fugiu, sem curar saber da dôr que te causava! — clamo, na vibração dos nervos sacudi-

dos. — Ouve : não há semelhança entre o amor dela, e o da tua Mãe, e o dos teus irmãos, que nem na ameaça de morte se arredariam de ti ! — Repara : o amor dela nem por lisonja comunga com o dos teus pinceis, a quem esqueces tantas vezes, que nunca te negaram !

Isso sim ! Clamo-o, é certo. Só os ouvidos ouvem o que o coração não escuta. É poeira lançada ao vento. Grito-o, não há dúvida. Nem a cabeça aceita o que o sentimento repudia. São gritos atirados ao mar. Porque, o que fica em mim, o que em mim perdura, de tudo isso, é o vento surdo que me atordôa os sentidos, é o mar bravo que me afoga o coração — vento que nunca passa, mar que não dorme nunca !

Vejo-me tão humilde, Ana Maria, e tão miserável no pó do orgulho abatido — eu, a altivez doentia dos tempos em que não era escravo ! — que me surpreendo a estender a mão, mendigo das ruas, para o que se foi, para o longe, para o nada, na vil esperança duma esmola !

Ah, amor, mutilado da vergonha,

raça de cão, a quem o dono bate e fica a lamber a mão que lhe bateu!

Isto deve ser, minha Amiga — eu termino já, será esta mesmo a minha carta de despedida — o efeito e a dissolução dos quarenta. O amor dos quarenta não é, evidentemente, o amor dos vinte. Aos vinte há em nós o ímpeto do suicídio, e ao lado dêle a firmeza que sobe à renúncia. Nos quarenta o suicídio conta por excepção — apegamo-nos tanto mais à vida, à montureira da vida, quanto mais aprendemos a querer-lhe mal. E nesta idade já não há forças que suportem o áspero sacrifício de renunciar. De maneira que, o amor dos quarenta, ou é bafo que remoça, ou nortada que compromete.

Tem os seus prós, isso tem, como não está ileso de contras o dos vinte. Enquanto êste, por exemplo, é a fogosa incontinência do filho pródigo, pois a seiva da mocidade dá para o desabrochar duma floresta, o dos quarenta cerra-se no geito egoista dum guarda-jóias. Concentra-se todo, por dentro e por

fóra, no afecto que é preciso guardar como hóstia num sacrário.

Aos vinte arde-se na febre do movimento e do riso, na ànsia de gastar sem recolher. Aos quarenta vive-se na avidez de conservar, na aspiração de volver a eterno o momento que nos agrada — a nossa riqueza, o nosso sol, a nossa vida.

E os beijos, como êles abrem com outro perfume e um sabor sem igual! Já não são exalação carnal e crepitar de fogueira. São antes, na sua palpitação sutbil de hálito e de murmúrio, o aroma dum frasco que se perdeu, o acorde de melodia que se não repete. Por isso se tornam longos, e absorventes, e exaustivos — sorvos derradeiros de licôr de que se esqueceu o segrêdo.

Creia, é preciso ter quarenta anos, e amar como eu amo, para saber beijar!

E as carícias, essas mesmo, em nada se parecem com a violência instintiva das que nos perturbam nas primeiras idades. Não são a loucura dum instante na espectativa de mil instantes iguais. São aquele instante, só êle, limitado e

imenso, ansioso e terno, divino de espiritualidade e humano de sofreguidão.

O amor dos quarenta é humilde, chega a ser miserável? Mas é ainda, e sempre amor — regresso ao pomar que um dia se plantou com desvanecidos enlèvos, cujos frutos se conhecem melhor, cujos espinhos melhor se evitam. Amor dos quarenta! Não há, ia jurá-lo, nem pode haver outro amor!

Mas perdoe-me! Eu nem me lembrava de que a eternidade só existe no aborrecimento. E encolha os ombros, e não acredite nesta antecipada psalmodia de ofícios fúnebres.

Acredite de preferência, pedir-lho-ia se fôsse necessário, no matinar daquele que tendo talvez vinte anos — não sei, não me interessa saber quantos tem! — deve proporcionar-lhe a felicidade que em vão em mim procurou.

Conto com o duplo perdão — para a segunda carta, a de ontem, e para esta, a de hoje, a última, tão absurda, tão desigual, tão longa no dizer, tão sincera no afirmar — carta que eu desejaria em tudo um leal desagravo. De-

sagravo por si, para quem fui da mais impertinente injustiça. Desagravo pela mulher, que, para a agravar a si, injuriei sem razão. Não, minha Amiga, a mulher só mente pela nossa bôca — repetindo, à fôrça de as ouvir, as mentiras que lhe ensinamos . . .

Ai de nós, da nossa casa, do nosso ninho, da nossa continuïdade no dia em que a mulher fôsse em tudo igual ao homem — até na mentira!

Ana Maria! Perdoa-me! Adeus!

António.

Ana Maria:

Ao contrário do que lhe prometi na minha carta de há quinze dias, a-pesar de lhe haver garantido que ela seria a de despedida, escrevo-lhe uma vez mais ainda. Para lhe dizer que recebi a que me mandou. Para lhe assegurar que o seu perdão me comoveu.

Não diz se casa ou não com o Jorge. Não me deixa sequer perceber se está ou não disposta a casar. E no entanto, nem me atrevo a censurar o seu excessivo silêncio. Nem ao menos a recrimino pela dúvida em que me deixou.

Porque não hei-de repetir-lho, por-

que não posso assegurar-lho, se quero que se convença, não por mim, por si apenas, de que nunca lhe menti? A Ana Maria foi o meu canto do cisne — foi o meu último amor!

Amor, juro-lho, e tão alto que nenhum o excedeu. Amor tão puro, minha Amiga, que de todo se desviou do torvelinho dos sentidos, que se desprendeu do desejo, que se lavou do egoismo — que sobe para si, sem o pêso dum mau pensamento, na mística serenidade do fumo dos turíbulos na exaltação do Senhor.

Sôfro? Se sôfro! Tenho o peito sob uma barra de chumbo — por vezes quero respirar e não posso. Sinto o coração entre as garras dum abutre — há momentos em que suponho que o pobrezinho vai acabar.

E era assim há cinco dias. Há dez também. Há quinze é pior — será pior àmanhã. É sempre pior!

No entanto — meu apetecido sofrimento, não me abandones uma hora, não deixes de ser o bordão dos meus passos!

Eu quero ao meu sofrimento como à parcela derradeira de herança desbaratada.

A mocidade completou a sua jornada de sol de maio. Já descubro a velhice, no horizonte opôsto, na sua fria expressão de luar. E o meu sofrimento, vinho e triaga, sombra e luz, é a certeza de que ficarei do alto dêle, outeiro áspero e amigo, a ver, a ouvir, como se fôssem ainda meus, e de agora, o rio de águas olorosas e espertas, a campina de claras e lindas florescências da mocidade perdida ...

Meu divino sofrimento! Triaga que me consome e vinho que me tonifica! Sombra que me perde e luz que me guia! Anda comigo. Não te canses de me seguir. Vieste-me dela, é como se ela mesma me fôsse companhia. Demais, a vida só é grande pelo sentimento. E eu tenho em ti, minha corôa de espinhos, o mel de tôdas as felicidades, o agro de tôdas as desventuras colhidas em dez anos de primavera!

Ana Maria; Está escrito, no livro

grande dos destinos, que é de obrigação pagar neste mundo o mal em dívida com o rigor das letras a praso. Qual de nós, o mais discreto, o mais afável, não deixou no seu caminho o cardo ensanguentado duma dôr? Quem, na sua marcha, mesmo ao querer pôr o pé no seixo inerte, não pisou polpa sensível que se não queixa, triturando fibras inocentes, lavadas em lágrimas de seiva?

Ora eu, como quantos se desvaneceram no amor, fiz sofrer, por vezes deixei cardos onde quis semear craveiros, pisei por vezes a epiderme que desejaria beijar — dando lágrimas, e soluços, e desalentos a quem procurára cobrir de sorrisos. A Ana Maria, não por sua deliberação voluntária, pois não há em si senão a suavidade dos perfumes de bôa presença, mas por mandamento dos destinos, que me levaram a crêr-lhe alucinadamente, é o castigo dos meus pecados. Veiu ao meu encontro, sem o suspeitar sequer, para que eu penasse num dia, em cada hora que passa, tudo o que fiz sofrer

em meses ou anos de atormentada inquietação.

Veiu para mim, e nem sequer o presumiu, como Jesus há-de ir, na tarde do Apocalipse, ao congresso da ressurreição dos maus, para me fazer expiar, minuto a minuto, as culpas contadas.

E nem nesta certeza lhe quero mal. E assim mesmo a abençôo, e continuo a chamar-lhe bemdita entre as mulheres! E assim mesmo a exalto, beijando-lhe as mãos em acção de graças!

Amor crepuscular dos meus dias! Canto do cisne do meu coração — dêste romeiro e trovador que entrou a descer as veredas da morte vibrando todo no hino da vida! Tu és o último. E nem por isso deixas de ser o primeiro!

Bem vês, não há último onde o primeiro é o mais próximo. De resto, primeiro, entre todos, é o que nos estiver adiante na lembrança. E eu lembro tanto êste amor, que de o lembrar esqueci os outros. E eu trago-o tão li-

gado à memória como o sangue traz o calor, como a alegria o riso.

Ao recordar-te, ao evocar-te, ao adorar-te, na capelinha branca da minha devoção, é mesmo a tua cabeça, minha Alma, a que eu descubro, a que se vê, ocupando o vasto campo que do dia de hoje chega ao do princípio. E assim, tu, a última, és como aquelas ondas esbeltas, esquivas gazelas do mar, que vindo do largo na cauda das demais, de súbito lhes passam por cima, se tornam de direito as primeiras — cobrindo tudo, mar e terra, do sorriso feiticeiro de Vénus no milagre alvíssimo das espumas!

Minha Vida! Quedei-me, quáse num extase, a seguir o vôo de certa andorinha, uma que tu não vês agora, e eu vejo tão bem! Depois é a leveza daquele fiosinho de sol, fio solto da meada, que desceu a alumiar esta cela, o que me fixa a atenção! Até a asa daquele sôpro que anda ali em frente, nas árvores da vizinhança, a implicar com as fôlhas, até êsse me prende o olhar! Porque? Para quê? Eu sei lá!

Nem me ocupa o sabê-lo. Sei só que estás longe! Que não pensas em vir para perto! O mundo, quando estavas perto, parecia-me tão pequeno! E desde que foste para longe, êle é tão grande! Um passo aqui, além outro, e ganhava-o de polo a polo. Afinal, vais-te embora — e os meus olhos, que chegam às estrêlas, não alcançam o beiral do teu telhado!

Longe da vista longe do coração? Isso é que não é certo. Só está longe do coração — como êle te vê, como êle te sente, como êle te segue! — quem nunca esteve senão perto da vista. Sim, pelo coração eu tenho-te tão perto que desde que te foste, é como se me pesasses tôda em cima dêle. Era por isso que queria que voltasses, pois já preciso respirar...

Ana Maria! Minha escada de Jacob! Meu calix de amargura!

Digo-o, murmuro-o, embalando-me. É como se sonhasse, como se rezasse:

— Avè Maria! Cheia de graça! O meu amor é contigo!

Vem! Crê em mím! No meu amor!

No que está escrito do meu amor, que é um novo testamento!

Do sempre, do todo teu

António.

Lisboa.

Agosto — sábado — 1922.